

MIGUEL DEL CASTILLO

Cancún



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2019 by Miguel Del Castillo

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

GNN+TRR/ Gabriela Gennari e Thiago Rocha Ribeiro

Foto de capa

Vincent Catala/ VU

Preparação

Julia Passos

Revisão

Thaís Totino Richter

Huendel Viana

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Castillo, Miguel Del

Cancún / Miguel Del Castillo — 1ª ed. — São Paulo :

Companhia das Letras, 2019.

ISBN 978-85-359-3242-3

1. Ficção brasileira 1. Título.

18-26662

CDD-B869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira

B869.3

Iolanda Rodrigues Biode — Bibliotecária — CRB-8/10014

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Para Carol, Gabriel e Pedro

Todo ser humano é um resultado de pai e mãe. Pode-se não reconhecê-los, não amá-los, pode-se duvidar deles. Mas eles aí estão: seu rosto, suas atitudes, suas maneiras e manias, suas ilusões e esperanças, a forma de suas mãos e de seus dedos do pé, a cor dos olhos e dos cabelos, seu modo de falar, suas ideias, provavelmente a idade de sua morte, tudo isso passou para nós.

J.M.G. Le Clézio, *O africano*

1.

Está com a persiana da janela do avião aberta. O sol entra, horizontal, e os passageiros a seu lado pedem que feche. Joel se pergunta a quem pertence o direito de abrir e fechar aquilo, e conclui que a regra deveria ser semelhante à do ar-condicionado na sala de aula: quem está perto da tomada decide se liga ou desliga, e agora é ele que está mais próximo da janela. Fecha mesmo assim, sem protestar. Minutos mais tarde, repara que a luz que sai de outras janelas está alaranjada, quase vermelha. Abre a sua persiana até a metade e contempla por um instante o pôr do sol. Baixa novamente, deixando sobrar uma fresta por onde um pouco da luz laranja penetra e marca o nariz da pessoa a seu lado, que dorme, e a bochecha do passageiro na outra ponta.

Fica de joelhos no assento para procurar o pai, algumas fileiras atrás. Não deu para sentarem juntos, o que é normal, ficou sabendo agora, quando se compra passagens em cima da hora. Avista-o dormindo, de boca aberta, o cabelo amassado contra o pequeno travesseiro branco. Vira de volta e olha para o papel da bala de caramelo que recebeu ao embarcar. Não entende como

alguém consegue mantê-las na boca sem mastigar, quando a graça é justamente mordê-las e sentir a goma entre os dentes — só muito tempo depois aquilo vai sair por completo.

Após o desembarque, o pai pergunta se ele toparia comer um Big Bob “só no molho”. É assim que pedem, sempre que o pai vem ao Brasil: o sanduíche puro, sem o que ambos consideram desnecessário, isto é, alface e cebola; só pão, carne, queijo e molho. Talvez ele já soubesse que havia um Bob’s dentro do aeroporto e que passariam por ali ao se dirigir para o ponto de táxi.

Joel morde com vontade o hambúrguer e devora rápido as batatas fritas, intercalando com goles de Fanta laranja. O pai está com um aspecto cansado.

— Conseguiu dormir no voo? Eu capotei no meio, mas não durou muito — diz.

— Acho que sim, um pouco — Joel responde.

— Vou te levar direto pra casa da sua mãe, tá? Ela deve estar com saudade.

Ficam em silêncio por todo o longo trajeto do aeroporto do Galeão até a Barra da Tijuca. Joel pensa em como será a vida agora que o pai está de volta ao Brasil, e por quanto tempo ficará aqui. O táxi azul entra no condomínio e para na entrada do prédio de Joel. Ele sobe apressado as escadas, e antes de atravessar a porta de vidro se despede mais uma vez do pai, que ficou dentro do carro e baixa sua janela para acenar. A mãe está sentada num sofá da portaria, esperando talvez há algum tempo. Dá um abraço nela, rejeita sua oferta de ajuda com a mala e acena para o porteiro. No elevador, ela pergunta o que são os arranhões que viu no rosto do pai. Joel diz que não sabe, mas que estava feliz por ele ter voltado, assim não precisaria mais ir todo ano a Cancún.

— Se bem que ele disse que é temporário — emenda. — Pode voltar depois... Não sei por quê, já passou tanto tempo lá.

— Mais de quatro anos.

— Acho que já vi tudo o que tinha pra ver. Tem aquelas pirâmides de pedra, e os passeios de mergulho, que eu não posso fazer porque ainda não tenho idade.

— Mas você não sabe mesmo o motivo daquele machucado?

— Não. Tem um roxo na perna dele também, igual àquele de quando eu caí da escada, lembra?

— Ficou feio daquela vez.

— Ele tinha sumido, aí fui com o Juan pra casa dele, e no meio da noite ele apareceu e me levou de volta pro hotel.

— Quem é Juan?

— Um amigo dele de lá. A mulher do Juan ficou comigo enquanto ele foi procurar meu pai.

A mãe parece curiosa e ao mesmo tempo inquieta. Pergunta se Joel quer um queijo-quente ou um suco, mas ele diz que já comeram e que está cansado.

No quarto, olha a vista que se tornou tão familiar, agora que estão há quatro anos naquele apartamento: o estacionamento do Carrefour vazio do outro lado da avenida das Américas, o letreiro iluminado refletido no asfalto do chão. A cortina é fina e as luzes vermelha e azul do logo do hipermercado nunca permitem que o quarto fique totalmente escuro. Na cama, pensa na volta às aulas, dali a duas semanas, nos outros meninos do condomínio com quem teria de esbarrar de novo, e se a mãe iria levá-lo à igreja no dia seguinte, um domingo. Pensa também em seu aniversário — doze anos em pouco mais de um mês, precisa decidir o que vai fazer para comemorar.

A mãe ainda está dormindo quando ele levanta da cama. A igreja fica em Botafogo, do outro lado da cidade. Calcula, pela hora, que ficariam em casa.

— Acorda — diz, ao pé do ouvido dela.

A mãe não esboça reação. Joel vai até a cozinha, coloca um pão na torradeira. Pega a caixa de leite e derrama uma quantidade enorme ao tentar servir no copo. Um colega de sala falou um dia que aquele efeito incontrolável do leite parecia uma ejaculação precoce, mas ele não sabia, na época, o que isso queria dizer.

Liga a tevê e assiste a um pouco de *Cavaleiros do Zodíaco*. Naquela saga, os heróis estavam lutando contra os cavaleiros de Odin. Marcelo, um dos seus melhores amigos da escola, diz que é o Shiryu de Dragão; ele se contenta em ser o Hyoga de Cisne, que não é o melhor, mas tem poderes interessantes. Nunca escolhem ser o personagem principal dos desenhos e seriados que acompanham: dos Power Rangers, que eles nem veem mais, Joel tinha ficado com o azul, Tricerátops, o mais metódico e inteligente; já o amigo escolhera o preto, Mastodonte, um que ninguém geralmente toma para si, mas que, analisando com mais atenção, tem um desempenho excelente nas lutas e o *zord* mais bacana.

A seguir, coloca a fita de 007 *contra GoldenEye*, que jogara com o pai alguns dias antes em Cancún, e liga o videogame. Mas as missões solo o deixam com medo ou tédio, que parecem ser a mesma coisa às vezes, então tira o jogo e põe *Mario Kart 64*. A mãe aparece na sala e diz que vai servir o café da manhã. Ele toma um susto, estava concentrado, acaba caindo com o kart numa ribanceira de terra e fica em último na corrida.

À mesa, a mãe volta a perguntar sobre os machucados do pai.

— Não sei direito. Uma hora ouvi o Juan falando algo sobre sequestro, eu acho. Mas pode ter sido outra coisa que ele falou, era em espanhol.

— Sequestro?! Joel, isso é sério! Você sabe o que significa? Capturam a pessoa e exigem dinheiro ou alguma outra coisa em troca.

— Hum.

— Hum, filho?! Acho que você ainda não entendeu a gravidade.

— Tá, mas já está tudo bem.

— Não está nada bem. E esse Juan é o quê, um guarda-costas?

— Guarda-costas são tipo aqueles caras que protegem os presidentes? Meu pai me disse que era um amigo dele.

— Pelo visto, do jeito que a coisa anda, ele deve estar precisando de um segurança mesmo.

A imagem do pai em poder de diversos bandidos coloca seu cérebro em inércia. Não consegue mais sair desse pensamento: o pai cercado, sendo esmurrado, ou cortado com uma faca, como nos filmes. Mas por que fariam aquilo? Faz menção de perguntar à mãe, mas desiste.

Ela não comenta mais nada e vai tirando a mesa. No caminho da cozinha, deixa cair talheres e quase quebra uma taça na pia. De volta e já menos agitada, diz que poderiam ir à praia, se ele quisesse, era só pegar a balsa, mas ele prefere ficar em casa.

Joel percorre a sala com os olhos e pondera quantas e quantas tardes depois do colégio ficara ali, vendo tevê, jogando, lendo. Nunca desce, não tem amigos no prédio. Isso porque, logo que se mudaram, a mãe o matriculou na aula de futebol do próprio condomínio. No primeiro treino, errou um lance de maneira ridícula e todos os garotos do time riram dele. “Pereba!”, “Vaza, retardado!”, ele ainda ouve às vezes em sua mente. Foi embora no meio do jogo, sem se despedir, os olhos cheios de lágrimas, e desde então tenta evitar situações em que possa encontrá-los. Não desce para a área comum, quase não vai à piscina, outros esportes ali de jeito nenhum — mesmo o tênis, que é oferecido no condomínio, ele prefere fazer numa academia próxima.

É um domingo de Carnaval. Não que tenham alguma pro-

gramação específica: a mãe detesta tanto os blocos de rua como os desfiles da Sapucaí, e ele nunca se interessou também; além do mais, odeia grandes aglomerações.

Joel cochila após o almoço, e quando acorda encontra a mãe na sala. Está apreensiva, os olhos grudados na tevê. Aproxima-se para ver e aos poucos começa a entender o que acontecia. Um prédio, que no noticiário todos chamam pelo nome, Palace II, ou parte dele, desabou. Há oito pessoas desaparecidas. O dono da construtora está sumido ou fugiu. A reportagem segue e passa à entrevista com alguns moradores. Um deles chora. Outro diz que tinha ganhado seu dinheiro honestamente, guardado com cuidado para investir no apartamento, e tinha perdido tudo. Um menino, que deve ser um pouco mais velho que Joel, fala que ainda tem esperanças de que encontrem o pai, a madrasta, o meio-irmão e a irmã mais nova debaixo dos escombros. A outra metade do prédio permanece de pé, mas está muito instável.

— Esse prédio fica aqui pertinho de casa — a mãe diz. — Cinco minutos de carro, sem trânsito.

Tenta se lembrar daquele edifício, agora desfigurado, como uma boca aberta da qual metade dos dentes foi arrancada. Os vergalhões expostos, as lajes penduradas. Força a memória, mas nada lhe vem. É mais um prédio qualquer. Se fosse, por exemplo, uma daquelas torres circulares da avenida das Américas, ou um daquele condomínio dos vidros pretos, já quase no Recreio, ele teria reconhecido na hora.

Faz questão de assistir com a mãe ao telejornal local nos dias seguintes. A construtora sugere que é possível que um morador estivesse fazendo uma reforma irregular em sua unidade e causado, assim, o desmoronamento. Alguém diz que isso é absurdo. Joel não sabe em quem acreditar: ao ouvir argumentos opostos numa discussão, fica sempre muito confuso. Ora acredita num, ora noutro, e desta vez não é diferente.